

Corte faz o Brasil perder US\$ 76 milhões

O Brasil está deixando de implantar 250 mil hectares de várzeas irrigadas, deixando de criar 250 mil empregos e deixando de produzir 1,5 milhão de toneladas de arroz, a curto prazo, devido ao corte de financiamentos para investimento agrícola e à consequente perda dos financiamentos já acertados com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid), Banco Alemão para a Reconstrução (Kfw) e Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida). Ao todo, são cerca de US\$ 76 milhões que deixam de entrar, a juros baixos e em condições extremamente favoráveis, num momento em que os juros normais se elevam a 13%.

Além dos US\$ 50 milhões do Bid, à taxa de 9%, para aplicação do Provárzeas em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, o Brasil também está deixando de receber, por falta de contrapartida em cruzeiros, US\$ 20 milhões do Fida, para aplicação do programa no Ceará e na Paraíba, e 20 milhões de marcos alemães do Kfw, a juros de 4,5% e 5 anos de carência, para aplicação no Espírito Santo.

Até agora, somente o Banco do Brasil destinou Cr\$ 3,3 bilhões para o investimento agrícola, enquanto os demais bancos não receberam quaisquer recursos do Banco Central, que alega os compromissos de limitação da expansão da base monetária com o Fundo Monetário Internacional. Por outro lado, o BC tampouco libera a contrapartida necessária, em cruzeiros, para cumprimento desses acordos de financiamento, alegando que não estaria havendo procura por crédito para investimentos no âmbito do Provárzeas. O coordenador substituto do programa, Paulo Castanheira, no entanto, exibe ofício recebido ainda ontem do gerente estadual na Bahia, reivindicando providências para liberação de crédito para 58 projetos já elaborados, de um até 180 hectares, num total de quase 1.300 hectares.

“Tudo isso é dinheiro perdido” — desabafa Paulo Castanheira, lembrando que cada projeto exige pelo menos 10 viagens e duas a três semanas de trabalho de um engenheiro agrônomo altamente treinado, para sua elaboração. Já no Rio Grande do Sul, foram aprovados 19 projetos no âmbito do Banco do Brasil — único banco ainda atuando na área — totalizando dois mil hectares. “É um círculo vicioso” — afirma Castanheira, explicando que os bancos, sem recursos do Banco Central, declararam aos agricultores que não há recursos. “Se não há recursos, o agricultor não vai perder tempo fazendo projeto. Então, o Banco Central diz que não libera os empréstimos externos e sua contrapartida porque não estaria havendo procura”.